

LEITURA CRÍTICA E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA NO COMBATE ÀS FAKE NEWS

Kathlen Karolyne Silva Franklin¹

Elias Régis Candéa Florêncio²

Suellen Fernandes dos Santos³

Pollyanne Bicalho Ribeiro⁴

RESUMO

A era da pós-verdade possibilita a difusão de muitas notícias e informações falsas acerca de temáticas importantes para a sociedade. Percebeu-se, então, a importância da leitura crítica e do conhecimento científico para o combate a esses boatos e para a conscientização de questões importantes para o planeta como as questões climáticas. Nesse contexto, o presente trabalho consiste em um relato de experiência sobre atividades desempenhadas na atuação por bolsistas PIBID no ambiente escolar. As intervenções em sala tiveram como objetivo propor a leitura crítica de *fake news* no contexto das emergências climáticas. Para tal, baseou-se nos pressupostos de Paulo Freire (2000, 2019), ao defender que uma educação libertadora considera que a leitura deve abordar o contexto em que os enunciados estão imersos para além de seu conteúdo linguístico. Quanto às contribuições dos estudos da linguagem, usou-se Bakhtin (2006) e Bakhtin e Volóchinov (2009) com as noções de dialogismo, enunciado concreto e gêneros do discurso. Metodologicamente, realizou-se uma intervenção em sala de aula com estudantes do 1º ano do ensino médio, bem como a aplicação de um questionário, em que foram mostradas notícias falsas e verdadeiras a fim de que os alunos conseguissem distingui-las, abordando a temática da crise climática. Posteriormente, os alunos realizaram uma oficina em sala de aula com a aplicação de formulários. Os resultados do formulário apontam que, em geral, os participantes demonstraram um grau de leitura crítica, uma vez que mais de 40% conseguiram distinguir as notícias verdadeiras das falsas. Contudo, 60% dos participantes tiveram dúvidas ao tentarem reconhecer as notícias verdadeiras, resultado preocupante, uma vez que a temática da emergência deveria ser de conhecimento geral. A experiência ressalta a importância de abordagens educacionais que transcendem o aspecto linguístico, mergulhando no contexto social e informativo em que os enunciados estão inseridos.

Palavras-chave: Fake News, Leitura Crítica, Emergência Climática.

¹ Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Ceará - UFC, kathlenfranklin04@gmail.com

² Graduando do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Ceará - UFC, Mestre em Psicologia – UNIFOR, eliasrcf@hotmail.com

³ Doutora em Linguística Aplicada – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, suellen.sfs9@gmail.com

⁴ Pós-doutora em Linguística Aplicada – USP, Doutora em Linguística Aplicada – PUC Minas, pollyanne_br@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

O contexto atual é formado por uma conjuntura de fatos sociais, tais como a revolução da tecnologia e o domínio hegemônico das mídias em massa, em que se torna possível o aumento da tensão no embate de narrativas, sendo, assim, chamado de “era da pós-verdade”, isto é, a era em que o apelo às crenças pessoais e às emoções influem sobremaneira na formação da opinião coletiva. Nesse contexto, as mídias sociais são utilizadas como principal ferramenta de veiculação de fatos, opiniões, notícias, entretenimento, propagandas, dentre outros. Com a quantidade massiva de informação transmitida por esses veículos, porém, surge o problema da desonestidade intelectual, marcada, nessa composição sociocultural, pela criação e pelo compartilhamento das chamadas *fake news*.

Oliveira (2021) ressalta essa problemática social e reafirma, como método de embate à desinformação e à disseminação de notícias falsas, a leitura crítica e a investigação das pistas (con)textuais presentes nos textos. A autora salienta, em sua pesquisa, a importância da realização de uma leitura que leve em consideração os contextos em que os textos estão imersos para além de seu conteúdo linguístico. Esses estudos podem ser associados às ideias defendidas por Paulo Freire (1981), ao propor que o processo de leitura e alfabetização não esteja restrito à leitura das palavras separadas do contexto social em que estão inseridas.

Em sua *Pedagogia do Oprimido* (1981), Paulo Freire propõe o ensino como ferramenta de conscientização dos indivíduos e de transformação social, criticando a chamada “educação bancária”, em que os alunos são considerados depósitos do conhecimento detido pelo educador. Desse modo, sugere que os conteúdos não sejam somente memorizados, mas que passem por um processo de reflexão, diálogo, problematização, movidos por uma consciência crítica: eis a *práxis*, isto é, a prática de reflexão e transformação, a qual propomos executar no presente estudo.

Como estratégia de exemplificação sobre a discussão da necessidade de uma alfabetização contextualizada, Gadotti (2006) conta que em uma palestra proferida no Simpósio Internacional para a Alfabetização, realizado no Irã, em 1975, Paulo Freire falou: “Não basta saber ler mecanicamente que ‘Eva viu a uva’. É necessário compreender qual é a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com este trabalho.” Essa proposição é um chamado à análise do processo de alfabetização e sobre a impossibilidade de pensá-la como algo neutro, mecânico e acrítico.





Da mesma forma, Bakhtin (2006) e Bakhtin e Volóchinov (2009) discutem uma filosofia da linguagem que propõe o signo linguístico como instrumento ideológico, condicionado à sua realidade material-social. As ideias do Círculo de Bakhtin, abordadas nas obras citadas, fazem a distinção entre língua enquanto sistema abstrato e a fala, como uso concreto, que está sempre condicionado ao seu contexto. Dessa forma, destacam a importância que há em considerar o signo – parte integrante dos textos – como membro de um contexto prático, cultural, social histórico, impregnado pela ideologia que o circunda.

Tais considerações se mostraram de extrema relevância para a realização deste trabalho, uma vez que demonstram a necessidade da realização de uma leitura que considere o texto para além de seu conteúdo linguístico e que seja capaz de analisar e verificar os aspectos extratextuais que compõem e afirmam as suas ideias.

Ademais, observou-se a urgência da realização de práticas pedagógicas que levem à conscientização, por parte dos alunos, do problema da crise climática, uma vez que o tema é de extrema pertinência no cenário econômico, político e social atual. A partir de tais ideias, pretendeu-se, no presente estudo, a realização de uma atividade pedagógica que fomentasse, nos alunos, a realização de uma leitura reflexiva dos textos que os rodeiam em seu cotidiano, sobretudo, de possíveis *fake news* transmitidas por veículos de informação diversos.

Para tal, realizou-se uma intervenção em uma turma do 1º ano do ensino médio, de metodologia expositivo-dialogada, abordando a temática da crise climática, em que foram transmitidos conceitos e métodos de abordagem crítica dos textos transmitidos por meio de diversas mídias sociais, bem como notícias verdadeiras e falsas, a fim de verificar se os alunos seriam capazes de identificá-las como tais – e quais eram as pistas que os levavam a determinada conclusão. Posteriormente, foi realizada uma oficina em sala de aula por parte dos alunos, que aplicaram um formulário para os colegas com notícias falsas e verdadeiras.

Os resultados do formulário apontam que, em geral, os participantes demonstraram um grau de leitura crítica, uma vez que mais de 40% conseguiram distinguir as notícias verdadeiras das falsas. Contudo, 60% dos participantes tiveram dúvidas ao tentarem reconhecer as notícias verdadeiras, resultado preocupante, uma vez que a temática da crise climática deveria ser de conhecimento geral. A experiência ressalta a importância de abordagens educacionais que transcendem o aspecto linguístico, mergulhando no contexto social e informativo em que os enunciados estão inseridos.

METODOLOGIA





Para a realização da primeira parte da pesquisa, ocorreu uma intervenção em sala de aula, em uma turma do 1º ano do ensino médio da EEM Governador Adauto Bezerra, em Fortaleza, Ceará. Nesse sentido, utilizamos a metodologia expositivo-dialogada, em que foi abordado o tema das *fake news* em notícias sobre a crise climática. Em um primeiro momento de contextualização do tema, apresentamos aos alunos como as notícias falsas são divulgadas nas mídias, como e por que elas são disseminadas de maneira extremamente rápida em comparação com as notícias verdadeiras e quais estratégias de leitura e de pensamento crítico podem ser utilizadas para detectar as fake news no contexto da vida prática.

Em relação às estratégias supracitadas, foram destacadas (i) a verificação da confiabilidade das fontes, (ii) a identificação de apelos emocionais, (iii) a correção gramatical dos textos jornalísticos e (iv) a comprovação da informação veiculada. Além disso, foram apresentadas aos alunos notícias diversas, de conteúdo verdadeiro ou falso, para que eles pudessem analisá-las e concluir se tais notícias eram verídicas ou não. Após esse momento, aplicamos um questionário acerca da temática abordada em sala de aula, com perguntas acerca da experiência dos alunos quanto ao recebimento de fake news e como eles detectaram as notícias falsas na vida prática.

Para a segunda parte da pesquisa, foi mobilizado um grupo de discentes, cuja adesão foi de livre escolha, para que apresentassem um formulário em sala de aula para os colegas sobre a mesma temática. Essas alunas se reuniram no contraturno para o planejamento das atividades e para a composição de um “diário de bordo”, parte integrante da pesquisa.

A partir desses encontros, com a colaboração da professora supervisora, decidimos, junto com as estudantes, os procedimentos que seriam adotados para dar continuidade à pesquisa. Preparamos em diálogo com as estudantes, então, um questionário, por meio da plataforma Google Forms, com 10 notícias, 5 verdadeiras e 5 falsas, sobre a temática das emergências climáticas para saber se os estudantes identificavam corretamente e se compartilhavam ou não a notícia. É importante destacar que as notícias falsas foram retiradas da Internet, ou seja, eram notícias que já circulavam em redes sociais, algumas delas foram apenas editadas pelas alunas. Aplicamos o questionário no 1º ano, por meio de um qr code compartilhado e os estudantes participantes respondiam em sala, individualmente. Quanto às opções de resposta do formulário, os participantes poderiam escolher entre: “não compartilho, é uma fake news”, “compartilho, não é uma fake news”, “compartilho, mesmo não tendo certeza”, “não compartilho, pois não tenho certeza”. As opções de resposta eram as mesmas para as notícias falsas e para as notícias verdadeiras. Com os resultados do questionário,





gerados pela própria plataforma, as estudantes pesquisadoras geraram gráficos com os percentuais de acertos e erros e, posteriormente, se reuniram com a professora orientadora que as indagou sobre as possíveis hipóteses dos resultados. Após o estudo dos gráficos, fizemos uma oficina na sala analisando cada uma das notícias e indagando os estudantes participantes sobre as pistas que eles identificavam para considerar a notícia verdadeira ou falsa.

Nesse momento, houve a partilha de estratégias de leitura e pistas textuais e contextuais que foram usadas. Além disso, solicitamos uma oficina com o professor de biologia da escola para compreensão de informações científicas que são essenciais para compreensão e identificação da veracidade de algumas notícias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das respostas dos alunos, obtidas por meio do formulário, foi possível constatar um certo grau de leitura crítica, além do uso das ferramentas de leitura e pensamento crítico sobre as notícias apresentadas. A média de resultados das notícias falsas constatou que cerca de 45% dos participantes souberam distinguir as notícias falsas das verdadeiras. Cerca de 33,76% dos participantes afirmaram que não compartilhariam pois não tinham certeza da veracidade das notícias, o que demonstra conhecimento da necessidade de comprovação e de verificação das fontes das informações, antes de realizar o seu compartilhamento. Contudo, a média dos resultados constatou que 7,9% dos entrevistados compartilham falsas notícias, mesmo não tendo certeza da confiabilidade da informação. 13,32% afirmaram compartilhar as fake news, por acreditarem que se tratavam de notícias verdadeiras. Tal resultado é preocupante, uma vez que aponta para a falta de pensamento crítico na disseminação de informações de maneira geral, com mais de 20% dos participantes escolhendo compartilhar notícias falsas, mesmo sem conhecimento da veracidade dos fatos.

Após esse momento de identificação das notícias falsas e verdadeiras, ministramos uma oficina para dialogar com os estudantes que responderam o questionário sobre as pistas que eles identificaram para perceber as fake news e também as notícias verdadeiras.

Acerca das pistas textuais, alguns estudantes identificaram a utilização da linguagem mais sensacionalista, como na manchete “A ideia de que CO₂ é poluição é absolutamente ridícula”, em geral, eles percebiam algo diferente em relação às palavras, como mencionaram, mas não sabiam explicar. Então, a oficina foi na direção de explicar a eles como poderiam ser nomeadas e melhor identificadas essas pistas textuais.





Quanto às referências e aos argumentos de autoridade usados na notícia, os alunos mencionaram o selo de verificação em perfis que divulgavam as informações nas redes sociais. Nesse momento, surgiu um debate interessante, pois alguns discentes identificaram o selo de verificação como um fator relacionado à credibilidade da fonte, contudo outros estudantes mencionaram que esse selo de verificação é dado, muitas vezes, pelo número de seguidores ou, em algumas redes sociais, ele pode ser comprado. Concluiu-se, então, que o selo de verificação nas redes sociais não garante que o perfil só divulgue notícias verdadeiras. Embora existam casos de selo de verificação em jornais que são mais consolidados e com grupos editoriais conhecidos pela checagem dos fatos.

Nesse sentido, também foi identificada, em uma das notícias, uma fonte jornalística verificada chamada de “vox liberdade”, com um número relevante de seguidores, com site e algumas identificações que poderiam ser associadas a fontes confiáveis, no entanto os estudantes sabiam que era uma fake news. Essa notícia gerou um diálogo interessante e algumas estudantes mencionaram que era necessário saber se isso era verdade pela ciência, porque algumas autoridades e representantes políticos, na época da COVID19, divulgaram notícias falsas, então também era possível fontes jornalísticas que faziam o mesmo. As estudantes participantes também mencionaram que estudaram temáticas ambientais nas aulas de Biologia e Geografia e, por isso, achavam que era importante esse conhecimento para entender as questões climáticas.

Quanto à média dos resultados das notícias verdadeiras, foi constatado que 43,34% dos participantes soube distinguir as notícias verdadeiras das falsas, afirmando que compartilhariam as notícias verdadeiras, por não se tratar de uma fake news. No entanto, o restante dos entrevistados tiveram dúvidas quanto à veracidade das informações verdadeiras: 12,08% afirmou não compartilhar, pois criou que se tratava de uma fake news; 31,68% afirmou compartilhar, mesmo não tendo certeza, e 12,9% afirmou que não compartilharia, por não ter certeza. Tais resultados, por sua vez, denotam outro cenário preocupante, a saber, o desconhecimento da urgência da pauta ambiental, que deveria ser de conhecimento geral.

Percebemos, por meio da avaliação dos resultados, que os alunos apresentaram um grau adequado de pensamento crítico sobre os textos, sabendo selecionar e observar as pistas contextuais que demonstram a confiabilidade de um texto de gênero notícia. Contudo, muitos alunos demonstraram não dominar tais ferramentas, uma vez que, na média de resultados das notícias falsas, o número de alunos que compartilharia uma fake news mesmo sem conhecer a procedência da informação excedeu a marca de 20%. Além disso, foi possível concluir, pela média dos resultados das notícias verdadeiras, que cerca de 60% dos alunos desconheciam a





urgência da crise ambiental, uma vez que não possuíam certeza da veracidade das notícias que demonstram a emergência climática.

Embora tenha se percebido que nenhuma pista isolada pode garantir a veracidade da informação; foram elencadas juntamente com os estudantes pistas textuais e contextuais para uma leitura crítica que podem identificar a veracidade da informação, são elas: (a) excesso de linguagem sensacionalista; (b) escassez ou ausência de referência a estudos científicos, legislações ou argumentos de autoridade no tema; (c) erros gramaticais, ortográficos; (d) verificação de fontes e averiguação da credibilidade da fonte; (e) uso de sites de checagem de fake news para conferência; (f) verificação de pesquisas científicas acerca do assunto e conhecimento sobre as temáticas ambientais.

Experiências como essa ressaltam a importância de estimular nos alunos o exercício da reflexão e do pensamento linguístico, levando-os a observar não somente as pistas gramaticais presentes nos textos, mas também as evidências contextuais; no contexto das fake news, tais evidências se revelam, por exemplo, na confiabilidade das fontes, no apelo às emoções, na comprovação científica dos fatos apresentados, dentre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, pautado na urgência da "era da pós-verdade" e na disseminação de fake news, buscou promover e analisar a eficácia da leitura crítica contextualizada como ferramenta de combate à desinformação, especialmente sobre a temática da crise climática. As atividades desenvolvidas, embasadas nas filosofias educacionais de Paulo Freire (1981) e no conceito linguístico do signo como instrumento ideológico (Bakhtin, 2006; Bakhtin & Volóchinov, 2009), reforçam a necessidade de uma leitura que ultrapassa a simples decodificação mecânica da palavra.

Os resultados da intervenção indicam dados bastante relevantes, em que quase 45% dos estudantes demonstraram um grau pertinente de leitura crítica, também uma proposição significativa de 33,76% que se abstiveram em compartilhar informações por “não ter certeza”, demonstrando uma internalização da necessidade de verificar as informações antes de compartilhar.

Os dados também revelam um cenário preocupante em relação aos 20% que demonstraram disposição em compartilhar fake news, assim como, cerca de 60% dos alunos hesitaram em reconhecer a veracidade de notícias verdadeiras sobre a emergência climática, sugerindo que o tema, apesar de sua pertinência global, ainda não é de conhecimento geral





entre os jovens participantes, o que indica a necessidade em integrar essa discussão no currículo escolar.

A oficina aplicada confirmou que os alunos mobilizam tanto pistas textuais, quanto contextuais para aferir a credibilidade do texto. A experiência provou que a eficácia da leitura crítica advém da análise de um conjunto dessas pistas, e não de um único indício isolado.

Reiteramos a inadequação da “educação bancária” (Freire, 1981) no contexto atual e propomos a utilização de um método expositivo-dialogado para priorizar uma práxis educacional que vai além da memorização, promovendo a reflexão, o diálogo e a problematização, transformando a sala de aula em um espaço de ação-reflexão-ação. Outro aspecto importante é pensar um ensino de língua portuguesa que considera o texto, seu conteúdo base de trabalho, não como um objeto neutro, mas um artefato ideológico inserido em um contexto social e político, como defendido pelo Círculo de Bakhtin.

Salientamos sobre a importância de pensar, na prática docente, intervenções que articulem pensamento crítico com conhecimentos temáticos de urgência social, no caso a crise climática. Essas atividades são essenciais para munir os alunos com ferramentas necessárias para compreender de forma crítica seu meio e saber intervir nele de forma consciente.

Percebemos durante a aplicação das ações e da elaboração deste relato a importância de, futuramente, investigar fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam os jovens a compartilhar notícias falsas, mesmo quando suspeitam da sua veracidade. Além disso, observamos a necessidade de trabalhar a temática sobre as questões ambientais de forma interdisciplinar na escola.

Em conclusão, a experiência demonstrou que o desenvolvimento do pensamento crítico é um processo contínuo e contextualizado. A escola, ao assumir o papel de mediadora da leitura da palavra e do mundo, é a instituição chave para apoiar na preparação dos jovens do século XXI com a capacidade de análise necessária para cruzar esse tortuoso caminho da pós-verdade.





REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

GADOTTI, M. **História das Ideias Pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

OLIVEIRA, Debora Leite de. **Leitura de fake news em sala de aula**: tecendo inferências a partir das pistas (con)textuais, discutindo os efeitos de sentido e assumindo posicionamentos. 2021. 221 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2021) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: https://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2021/04/DISSERTA%C3%87%C3%83O_D%C3%89BORA-LEITE-DE-OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 17 de out de 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.

